

RESENHA

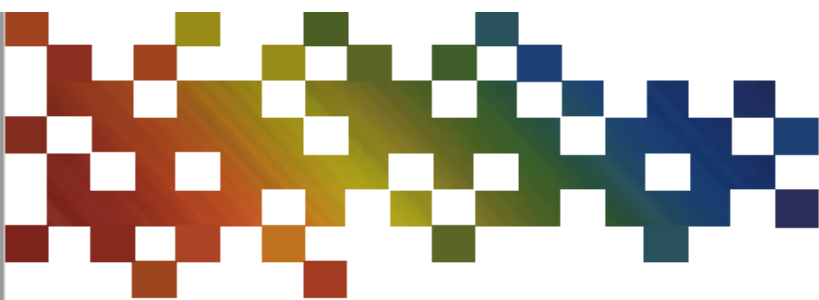
ALLENDE, Isabel. *Largo Pétalo de Mar*. Buenos Aires: Sudamericana, 2019.

Tatiana da Silva Capaverde (UNIR)

tatianacapaverde@gmail.com

Os deslocamentos culturais historicamente fazem parte da composição cultural das Américas desde seu “descobrimento” e os fluxos migratórios internos dos povos nômades são movimentos ainda mais pregressos. O fluxo de europeus e o processo colonizador tornaram os países americanos um espaço de hibridação cultural que se desdobram até nossos dias. Além das mobilidades que marcaram a formação colonial americana, os trânsitos motivados por guerras e períodos ditatoriais também estão retratados nas literaturas das Américas, seja tematizando o exílio dos americanos em função do período ditatorial dos diferentes países do continente, seja retratando a chegada de imigrantes e exilados provenientes de diferentes partes do mundo.

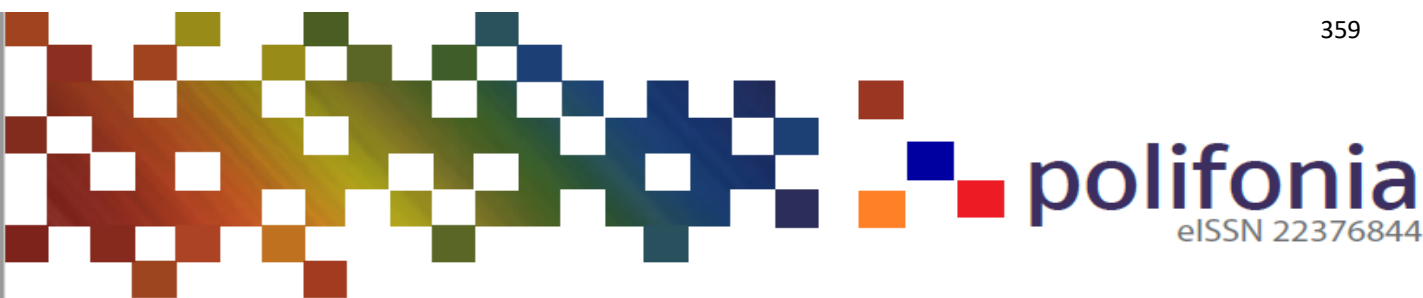
A autora Isabel Allende demonstra especial interesse pelo tema dos deslocamentos, uma vez que sua história pessoal foi marcada pelos trânsitos: infância itinerante, adolescência como filha de diplomata e, na vida adulta, exílio na Venezuela após o golpe militar no Chile até finalmente se estabelecer nos Estados Unidos, onde vive até hoje. Desenvolveu o tema em outros dois romances: *El amante japonês* (2015) e *Más allá del invierno* (2017), com traduções para o português publicadas em 2015 e 2018, respectivamente. O primeiro romance tem como cenário inicial os deslocamentos causados pela ocupação da Polônia pelos nazistas, o que fez com que a protagonista passasse a viver nos Estados Unidos, onde posteriormente é separada de seu grande amor: o filho do jardineiro japonês da casa de seus tios. Setenta anos depois Alma Mendel revela sua história a dois jovens interessados em sua trajetória de vida e com isso revela as separações sofridas em função da Segunda Guerra Mundial e os preconceitos que as alimentou. Já o romance *Más allá del invierno* retrata o deslocamento de migrantes e viajantes latino-americanos aos Estados Unidos no século XXI. Três personagens se



encontram em Brooklyn: uma viajante chilena, professora universitária; uma imigrante guatemalteca, residente ilegal; e um cidadão americano descendente de portugueses. A trama apresenta a insólita situação que une as três trajetórias dos personagens que são apresentadas em narrativa de contraponto retratando as diferentes motivações que levaram cada um a empreender seus trânsitos.

O romance mais recente, *Largo Pétalo de Mar* (2019) de Isabel Allende, traduzido e publicado pela Bertrand Brasil no mesmo ano, retrata o deslocamento motivado por grandes guerras e exílio político. A obra primeiramente trata da fuga dos republicanos Víctor Dalmau, sua mãe e sua cunhada Roser Bruguera, da Espanha durante a Guerra Civil Espanhola que antecede a Segunda Guerra Mundial e ascensão de Francisco Franco. Primeiramente a família se desloca para os campos de refugiados da França e posteriormente embarca no navio *Winnipeg* fretado pelo poeta Pablo Neruda, juntamente com dois mil espanhóis migrantes, rumo a Valparaíso. A família se reestrutura no Chile, enfrentando as diferenças culturais e econômicas, além dos traumas e da perda de familiares, até que o Chile entra em ebulição política e se dá o golpe de estado contra Salvador Allende em 1973. Por perseguição do regime de Augusto Pinochet, novamente a família entra em processo de trânsito e pede asilo político à Venezuela. Lá vivem pelos anos posteriores até que se reestabelecesse a democracia na Espanha e se decretasse a anistia política no Chile. Nessa ocasião, Víctor Dalmau e Roser Bruguera possuem a oportunidade de escolher em qual país morar e elegem como lugar para terminar a vida a cidade de Valparaíso no Chile.

O título do romance é retirado de um poema em que Neruda se refere ao Chile como "longa pétala de mar e vinho e neve", e seus versos encabeçam cada capítulo do livro. A travessia do navio fretado por Neruda é fato histórico ocorrido em 1939. Na ocasião, Neruda era cônsul na França. O lançamento do romance *Largo Pétalo de Mar* coincide com o 80º aniversário da chegada de *Winnipeg* ao Chile. O poema *Misión de Amor*, publicado no livro *Memorial de Isla Negra* (1964), entre vários que trata do tema, descreve que durante essa missão Neruda sentiu entre os dedos as sementes da Espanha sendo espalhadas sobre o mar.

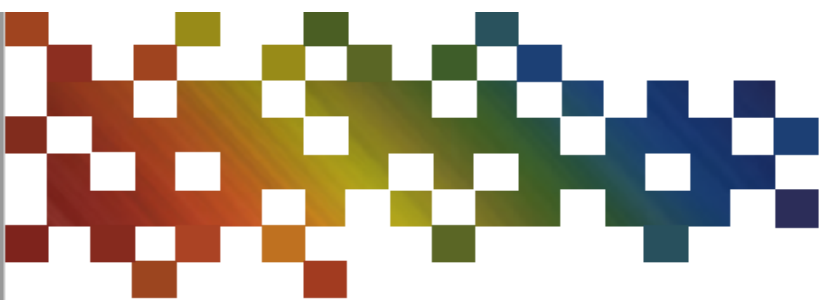


É possível perceber, pelo resumido apanhado da trama, que os processos de desterritorialização e reterritorialização (Deleuze e Guatari) acompanham a história dos personagens, que depois da saída de seu país natal, vivem diferentes situações de trânsito e constroem uma relação de pertencimento para além da relação de nacionalidade. A migração da família, primeiramente para França e em seguida ao Chile, retrata um período histórico na Europa em que muitas pessoas saíram de seus países fugindo da guerra. Especificamente o médico Víctor Dalmau, após mais de dois anos de resistência frente aos hospitais que recebiam os feridos dos confrontos durante a Guerra Civil Espanhola, parte com Roser Bruguera e o filho de seu irmão morto em combate na Batalha de Ebro na busca pela sobrevivência nas vésperas do início da grande guerra. A família encontra na oportunidade de traslado ao Chile no navio *Winnipeg* a possibilidade da reconstrução de uma nova vida. No momento em que o barco inicia a viagem, o narrador descreve: “No convés, alguns choravam em silêncio e outros entoavam em catalão, com a mão no peito, a canção do emigrante: ‘*Dolça Catatunya, / pàtria del meu cor, / quan de tu s’allunya / d’enyorança es mor.*’” (ALLENDE, 2020, p. 105) ¹

A situação de migrante durante a estada no Chile é descrita apontando questões que perpassam o esforço de multiterritorialização (HAESBAERT, 2004) e construção da heterogeneidade da cultura americana (POLAR, 1995). Entendendo a concepção de territórios sobrepostos e descontínuos definidos como territórios-rede por Haesbaert e heterogeneidade como processo resultante da composição histórico-cultural das Américas de que trata Polar, a leitura da obra nos apresenta personagens que se constroem a partir do trânsito em diferentes territórios ressignificando as noções de fronteira e nacionalidade, contexto que compõe a heterogeneidade cultural histórica da América Latina, nesse caso especificamente do Chile e da Venezuela.

Entre Víctor e Roser podemos perceber diferentes formas de relacionamento com a memória do passado, com a perspectiva do novo e do desconhecido. Ao mesmo tempo em que Roser se coloca olhando de forma mais positiva o presente, valorizando as novas experiências e oportunidade, Víctor apresenta as feridas do trauma que fazem com que

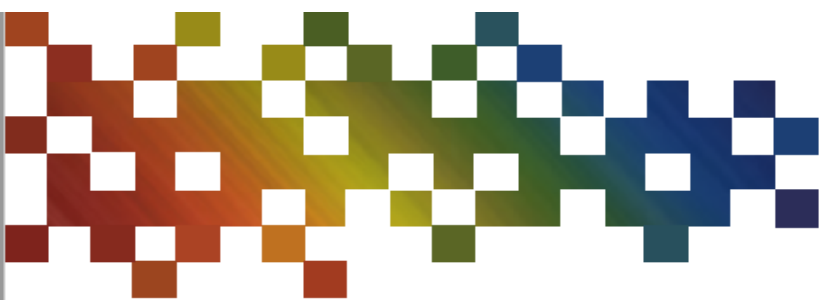
¹ Cf.: “En la cubierta unos lloraban en silencio y otros entonaban en catalán, con la mano en el pecho, la canción del emigrante: ‘*Dolça Catatunya, / pàtria del meu cor, / quan de tu s’allunya / d’enyorança es mor.*’” (ALLENDE, 2019, p. 143)



assuma uma posição mais nostálgica, como foi possível perceber no apego que estabelece com a língua catalã e nos recorrentes pesadelos com situações vividas enquanto médico de guerra. Os dois posicionamentos não impedem que o casal se estabeleça e busque junto estabelecer novos vínculos identitários. Logo na chegada Roser demonstra interesse de criar seu filho como um chileno, já reconstruindo raízes no novo território. Víctor, no entanto, responde: “- Como chileno, que seja, mas nosso lar será sempre catalão e com muita honra.” (ALLENDE, 2020, p. 128)² Roser não deixa de adverti-lo de que Franco havia proibido falar o catalão, o que só reforça a concepção de identidade vinculada não a espaços e territórios, mas sim ao fator de identidade cultural máxima: o idioma. Em um processo de dominação, a proibição da expressão das línguas minoritárias da Espanha foi adotada como forma de homogeneidade. Essa mesma homogeneidade não é a desejada pelos migrantes, que almejam estar no território chileno, mas sem necessariamente negar o seu lugar, a língua catalã. Partindo da ideia de Cornejo Polar de que o discurso do migrante justapõe línguas, pois possui uma dinâmica centrífuga, já que “sua reinvenção da múltipla vigência do aqui e do lá, do agora e do ontem, quase como um ato simbólico que, no próprio instante que afirma a rotundidade de uma fronteira, está burlando-a e mesmo escarnecendo-a [...]” (POLAR, 2000, p. 133), podemos ler os migrantes de Isabel Allende como representantes daqueles que empreenderam no movimento o processo de construção e reconstrução de uma identidade que necessariamente se estabelece através de elementos não nacionais, mas eminentemente culturais. Não desejam fundir as experiências do antes e do depois e adotam como norma a fragmentação e figuração de um sujeito sempre deslocado. (POLAR, 2000)

Mas é interessante observar que Roser, por possuir uma personalidade bastante mais pragmática, na ocasião em que se faz necessário novo deslocamento, agora em função do regime de Augusto Pinochet, é quem toma a dianteira e toma as decisões que os levarão para Venezuela. Nesse momento Marcel está terminando os estudos nos Estados Unidos e Víctor, já em regime de liberdade condicional, com ajuda da embaixada da Venezuela, consegue sair do Chile. Roser já trabalhava com músicos da Venezuela e,

² Cf.: “- Como chileno, si quieres, pero nuestro hogar será siempre catalán y a mucha honra.” (ALLENDE, 2019, p. 174)



em função de seus contatos, instalaram-se todos no novo país. No entanto não constroem laços, como pode-se perceber no trecho:

Nada lhe faltava, mas ele sentia irremediavelmente estrangeiro e andava sempre atento as notícias, para ver quando poderia voltar ao Chile. Roser ia muito bem com sua orquestra e seus concertos, e Marcel, que terminara o doutorado no Colorado, estava trabalhando na companhia petrolífera da Venezuela. Os dois estavam satisfeitos, mas também pensavam no Chile com a esperança de voltar. (ALLENDE, 2020, p. 224)³

Em 1975 morre Franco e em 1976 o casal volta a Espanha pela primeira vez desde a Retirada. Em um apartamento alugado ficaram por seis meses e “O desexílio, como chamaram o regresso à pátria que tinham deixado tantos anos antes, para eles foi tão duro quanto o exílio de 1939.” (ALLENDE, 2020, p. 227)⁴ Após não conseguirem emprego e enfrentarem diferentes dificuldades de adaptação, Roser decreta:

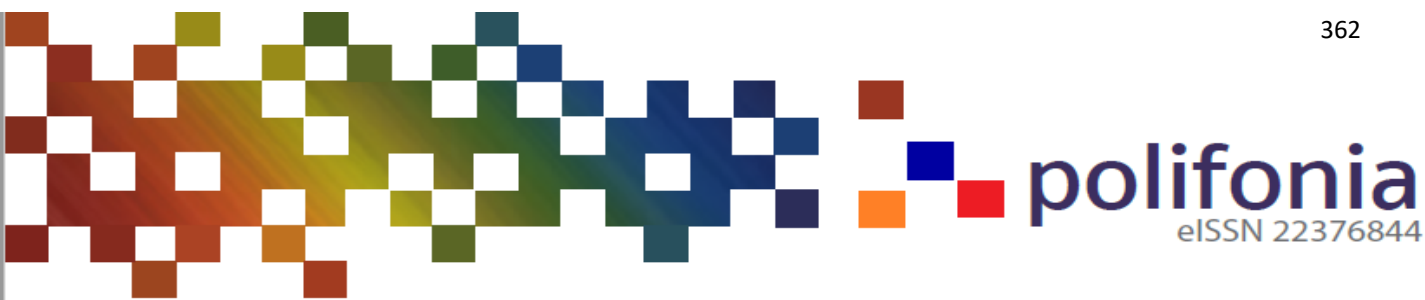
“Já estou de saco cheio dessa história de sermos forasteiros. Vamos voltar para o Chile. Somos de lá.” Víctor soltou um sonoro suspiro de dragão e inclinou-se para beijá-la na boca. “Vamos fazer isso assim que pudermos, Roser, prometo. Mas por enquanto voltamos para a Venezuela.” (ALLENDE, 2020, p. 227)⁵

Somente alguns anos mais tarde a família volta a se estabelecer no Chile, não sem antes passar por novo processo de reterritorialização. A decisão do casal ao final da narrativa de voltar a viver no Chile aponta para essa relação tão profunda com o novo território, pois é um lugar “que tanto o fascina como o aterra” (POLAR, 2000, p. 136) Para Victor seu lugar é a língua catalã, para Carme, mãe de Víctor, pátria é onde enterramos os nossos mortos, para Roser e Marcel, Chile sempre foi seu lar. Vítor, em uma das passagens finais do romance afirma: “Minha vida foi uma série de navegações. Fui estrangeiro sem saber que tinha raízes profundas... Também meu espírito navegou

³ Cf. o trecho original: “Nada le faltaba, pero se sentía irremediavelmente extranjero y andaba pendiente de las noticias a ver cuándo regresar a Chile. A Roser le iba muy bien con su orquestra y sus conciertos y Marcel, que había terminado su doctorado en Colorado, estaba trabajando en la compañía de petróleo de Venezuela. Estaban satisfechos, pero también ellos pensaban en Chile con la esperanza de volver.” (ALLENDE, 2019, p. 306-7)

⁴ Cf. o trecho original: “El desexilio, como llamaron al regreso a la patria que habían dejado tantos años antes, le resultó tan duro como el exilio de 1939.” (ALLENDE, 2019, p. 310)

⁵ Cf.: “‘Estoy hasta más arriba de la coronilla con esto de ser forasteros. Volvamos a Chile. Somos de allá.’ Víctor soltó un sonoro suspiro de dragón y se inclinó para besarla en la boca. ‘Lo haremos apenas podamos, Roser, te lo prometo. Pero por ahora nos volvemos a Venezuela.’” (ALLENDE, 2019, p. 311)



[...]” (ALLENDE, 2020, p. 273)⁶ E finaliza dizendo, já aos 80 anos frente a um prato catalão e a novos projetos: “Novas navegações, pensou. E assim até o final.” (ALLENDE, 2020, p. 275)⁷

Referências

ALLENDE, Isabel. *Largo Pétalo de Mar*. Buenos Aires: Sudamericana, 2019.

ALLENDE, Isabel. *Longa Pétala de Mar*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

POLAR, Antonio Cornejo. Condição migrante e intertextualidade multicultural: o caso de Arguedas. In: _____. *O Condor Voa: literatura e cultura latino-americana*. Belo Horizonte, UFMG, 2000. p. 127-137.

HAESBAERT, Rogerio. *O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

⁶ Cf.: “Mi vida ha sido una serie de navegaciones, he ido de un lado a otro en esta tierra. He sido extranjero sin saber que tenía raíces profundas... También ha navegado mi espíritu.” (ALLENDE, 2019, p. 373)

⁷ Cf.: “Nuevas navegaciones, pensó. Y así hasta el final.” (ALLENDE, 2019, p. 375)